

MARINA OLIVEIRA E LISANDRA PARAGUASSU

e-mail:educacao@ebdata.com.br

EDUCAÇÃO

Inteligência emocional muda escolas

Professores começam a adotar modelo de ensino baseado no conceito de aprendizado também como desenvolvimento da emoção

Crianças que aprendem matemática, física e química com facilidade. Meninos que tocam instrumentos musicais aos dois anos. Garotos que se expressam com clareza surpreendente logo que começam a falar. E qual desses grupos seria o mais inteligente? Na verdade, nenhum deles.

Descobertas recentes sobre o funcionamento do cérebro humano durante a aprendizagem mostram a existência de oito tipos de *inteligência*. “Seis delas são herança genética e variam pouco de uma pessoa para outra, as outras duas têm caráter individual e estão diretamente ligadas ao desenvolvimento emocional”, explica Celso Antunes, autor de mais de 80 livros didáticos sobre técnicas de ensino.

A chamada inteligência emocional popularizada pelo livro do mesmo nome — publicado por David Goldberg, da Universidade de Harvard — seria a principal responsável pelas diferenças de desempenho entre as crianças em sala de aula. Isso porque influencia o desenvolvimento de todas as habilidades infantis.

“Atitudes que estimulam a baixa auto-estima podem criar uma barreira intransponível no ensino. Seria como se a escola pudesse programar uma pessoa para fracassar”, afirma Barbara Vitale, diretora da *Meta Intelligence Institute* de Nova York e especialista em problemas de aprendizagem.

Ela critica o sistema educacional que rotula os alunos com dificuldades de burros ou preguiçosos. Outra falha grave da escola, segundo ela, é desprezar as descobertas científicas que comprovam a influência decisiva da cultura na maneira como as crianças aprendem. Os estímulos recebidos pelos bebês dos pais e da sociedade têm peso igual à carga genética herdada.

Barbara cita um exemplo surpreendente. O lado direito do cérebro costuma trabalhar em círculos, de maneira pouco organizada; enquanto o esquerdo processa os estímulos de maneira lógica, analítica e sequencial. As habilidades ficam armazenadas de um lado ou de outro conforme esse padrão.

No cérebro da maioria dos norte-americanos, por exemplo, o lado esquerdo concentra as habilidades linguísticas; o direito, as culturais. No Japão, a posição é invertida. “Isso só se explica pela herança cultural, a forma como uma sociedade repassa determinados códigos como a língua, a dança e a música”.

A pesquisadora defende que não

se pode ensinar uma criança de hoje como outra de cinquenta anos atrás, que não assistia televisão, navegava na Internet ou brincava com videogames. As crianças de agora precisam de movimento, e preferem falar a ouvir. A música, as imagens e o movimento deveriam assumir, então, o papel central no processo de ensino.

EXPERIMENTAÇÃO

Muitas escolas públicas e particulares norte-americanas já começaram a mudar nessa direção. O aprendizado começa com a experimentação. As crianças manipulam objetos, participam de jogos e dinâmicas usando o conceito que se está tentando ensinar. Em seguida, faz-se uma discussão da qual o professor participa o mínimo possível. Depois, as crianças usam a imaginação aplicando o que aprenderam a situações de seu cotidiano. Por último vem o dever, apenas para fixar a matéria.

“Só depois de participar ativamente da descoberta de um tema é que a criança está preparada para os tradicionais exercícios escritos”, acredita Barbara. Esse tipo de abordagem teria, segundo ela, outra vantagem: permitir o tratamento de assuntos ligados ao desenvolvimento emocional da criança.

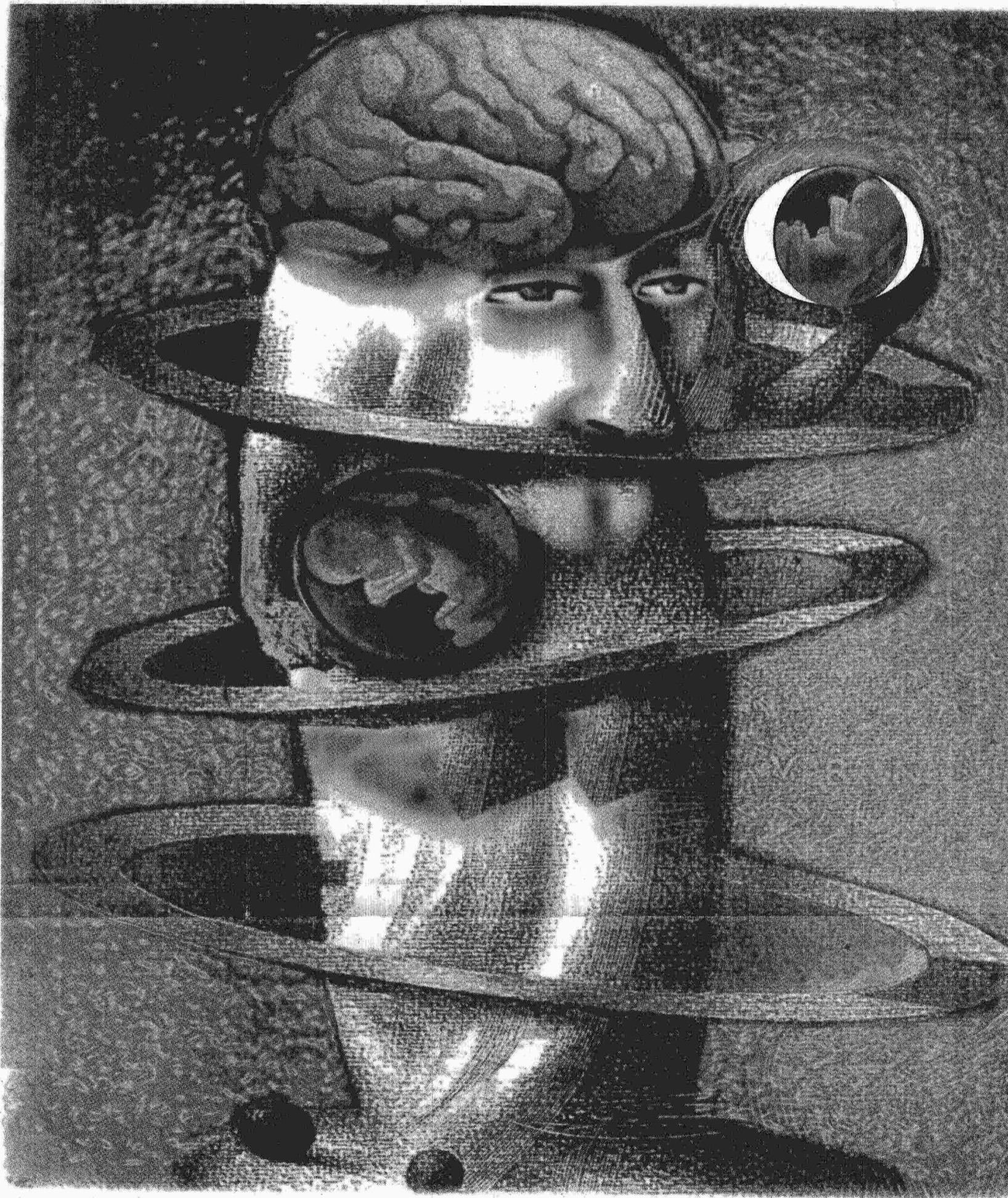
No Brasil, mais de 200 colégios particulares e públicos, principalmente do estado de São Paulo, já implantaram projetos pedagógicos baseados nesse conceito mais amplo do aprendizado que inclui o emocional. “Hoje entende-se que é preciso desenvolver todas as inteligências da criança conjuntamente”, afirma Celso Antunes. “Não adianta formar um gênio se ele não consegue se relacionar com os outros e nem consigo mesmo.”

Ele cita o caso de pessoas famosas como Einstein, conhecido por sua facilidade em lidar com a física e matemática e sua fama de péssimo marido. “Embora o alvo desse trabalho não seja a diminuição da indisciplina e da violência na escola, essas duas coisas acontecem naturalmente como consequência do projeto conhecido como alfabetização emocional”.

BLOQUEIO

A psicóloga e psicomotrista Selma Afonso Nazaré concorda e diz que sua experiência com crianças no consultório confirma a teoria desses especialistas. No modelo escolar tradicional aprender pode ser um martírio, tanto para quem tira notas baixas quanto para

Arte: Kacio



quem apresenta desempenho excepcional.

Ela conta casos de alunos que chegaram reclamando de não conseguir aprender. “Fazíamos o teste de QI e o resultado quase sempre ficava acima da média. O bloqueio era emocional, vinha de uma família desajustada que não dava tempo para a criança ser criança”.

Elídia Siqueira, empresária, acompanhou de perto as dificuldades de uma criança superdotada. Há seis anos, ela descobriu que seu filho mais velho, Roberto, hoje com 12 anos, tinha uma idade mental seis anos à frente dos meninos de sua idade. “Ele ia para escola e achava a aula chata e perturbava muito os professores, ficava ente-

diado com as explicações”, lembra.

Apesar disso, Roberto nunca teve problemas de relacionamento com seus colegas. É que sem consultar nenhum especialista, Elídia soube agir acertadamente com o filho. “Nunca o tratamos diferente de ninguém, as exigências, as broncas, as cobranças, as brincadeira, tudo sempre foi igual aos irmãos”.

A filha mais nova, Natália, de oito anos, também apresenta desenvolvimento intelectual acima da média. “Se deixar ela só quer conversar com adultos, porque acha as conversas das meninas de sua idade bobas”, diz a mãe. “Mas eu proíbo esse tipo de comportamento. Criança tem que ter assunto de criança, independente de qualquer coisa”.